

Movimentos evangélicos LGBTQIA+ no Brasil: redes de indignação e esperança

Luciane Pereira de Araújo¹

Fábio Py Murta de Almeida²

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes (IUPERJ/UCAM)

Resumo

Os conflitos e as dinâmicas das ações coletivas de movimentos evangélicos LGBTQIA+, de igrejas não inclusivas nas lutas por direitos e cidadania encontra repertório em contramovimentos que inclui debates e disputas interpretativas e comunicacionais que envolvem narrativas em espaços de reflexão crítica, quer seja na mídia tradicional, quer seja em plataformas digitais. Assim, esses movimentos buscam novas perspectivas de inclusão nas discussões internas e externas a Igreja, conforme teoriza Castells. Nesse modelo de Castells, o uso das redes sociais, como local de prática política, é uma ágora moderna que se tornou tão relevante que alcançou o status de novo paradigma de campo sociológico, assim conforme a sociologia política. Essa pesquisa visa identificar e levantar dados relativos aos movimentos evangélicos LGBTQIA+, seus atores e redes, suas reivindicações de direitos humanos e civis, por meio de procedimentos documentais e de mídia, utilizando os determinantes que conformam os movimentos sociais da teoria de Castells para caracterizá-los como redes de indignação e esperança.

Palavras-chave: Movimentos evangélicos LGBTQIA+. Redes de indignação e esperança. Brasil.

Introdução

As redes sociais são um poder que revelam as conexões, nos estudos da sociedade e no processo social que as geraram. Nesse sentido, a presente comunicação visa estabelecer investigação quanto à conformidade da atuação dos movimentos evangélicos LGBTQIA+³ de igrejas não inclusivas, no Brasil entre 2019 a 2022, com os determinantes que caracterizam as redes de indignação e esperança da teoria de Castells. Para tanto, visa identificar esses movimentos, seus atores e redes, formalmente envolvidos, analisando suas estruturas, interações e reivindicações de direitos humanos e civis; intercessões e transculturalidades, a partir das narrativas de suas redes sociais.

Castells (2017, 128) ao destacar o ‘estilo’ dos movimentos e as novas formas de movimentos sociais articulados por redes sociais afirma que são “característicos da sociedade em rede e da estrutura social da era da informação”. O sociólogo esclarece, ainda, que “os novos movimentos sociais se caracterizam por ignorarem partidos políticos, desconfiar da mídia tradicional, não reconhecer lideranças e rejeitarem organizações formais, sustentando debates e tomadas de decisão por meio da

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes (IUPERJ/UCAM).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro da Universidade Candido Mendes (IUPERJ/UCAM), doutor em Teologia pela PUC-RIO, pós-doutor em Políticas Sociais pela UENF.

³ No presente projeto de dissertação foi adotada a sigla LGBTQIA+ reconhecida pelo Decreto nº 11.848, de 26 de dezembro de 2023, da Presidência da República, em conformidade com o art.3º, Inc. I, alíneas ‘a’ e ‘b’.

internet”. Ao aprofundar sua teoria, explica que as redes são sustentadas pela troca de informações que constitui a comunicação que dá significação à produção social. Afirma, também, que para além da comunicação interpessoal é comunicação socializada, caracterizada pela diversidade, caracterizada pela comunicação de massa, uma ‘comunicação digital multimodal’ que, para o teórico, leva a ‘construção da autonomia do ator social.

Assim, Castells (2017, 129-130) afirma:

a autonomia da comunicação é a essência dos movimentos sociais, subvertendo o controle dos detentores do poder sobre o poder da comunicação, [...] estimulando indivíduos a ampliar as redes formadas na resistência à dominação e a se envolver num ataque multimodal a uma ordem injusta.

Segundo Castells (2017, 128), a sociedade em rede é um poder multidimensional que, não somente, se organiza em redes, mas em valores e interesses que influenciam o pensamento humano. Nesse sentido, a diversidade de modelos de militância, dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ de igrejas não inclusivas, no Brasil, visam fazer resistência, em várias formas de articulação, contra a dominação de um discurso englobante heteronormativo e patriarcal⁴ contra opressões religiosas e de cunho sócio-políticos. Por esse motivo, os movimentos evangélicos LGBTQIA+, na verdade, se constituem em movimentos sociais da teoria de redes de indignação e esperança de Castells.

Ações *web*-políticas dos movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros (2019-2022)

Um exemplo de militância e articulação, atualmente, no Brasil, incluso no modelo multimodal de Castells (2017), é o “Evangélicxs pela Diversidade”⁵. Iniciado por três ativistas, sendo dois de Brasília e um de Curitiba, promoveu conteúdo digital nas redes sociais, até ser formalmente organizado em 2017, como uma articulação de pessoas LGBTI+ e ‘aliades’, se tornando público em 2018. Com o rápido crescimento, nas redes sociais, o Evangélicxs iniciou a formação de núcleos espalhados nas cinco regiões do País.

a fim de lutar contra a violência cis-heteronormativa e lgbtfóbica de grande parte das igrejas evangélicas e disputar as narrativas do sagrado e da espiritualidade em diálogo com a diversidade sexual e identidade de gênero (EVANGÉLICXS PELA DIVERSIDADE, 2023).

Hoje, possui articulação com outros movimentos, tal como a plataforma ‘Intersecções’ e sua iniciativa ‘Novos Diálogos’ e tem páginas em pelo menos nove redes sociais, dentre elas *facebook*, *instagram*, *twitter*, *youtube*, etc. O Evangélicxs pela Diversidade (2023) se autodefine como “uma iniciativa para ampliar e qualificar a conversa sobre a relação entre diversidade sexual, identidade de gênero e fé cristã evangélica no Brasil”. Cabe aqui ressaltar que, no curto intervalo entre o acesso a

⁴ Na concepção de heteronormatividade está contida a idéia de um padrão a ser seguido quanto às questões de gênero e sexualidade heterossexual., enquanto na concepção de posicionamento patriarcal hegemônico usada no texto inclui a idéia de uma relação de poder político institucional efetivo e condução de uma organização social que se caracteriza pela administração exercida por uma autoridade masculina heterossexual e pela subordinação de fiéis a esse modelo (Weber, 1982, 102).

⁵ Dados disponíveis em: <https://evangelicxs.com/nossa-historia/>. Acesso em: 25/7/2023.

página do ‘Evangélicxs: nossa história’, em 25/7/2023, e; a presente data (10/8/2024), o site do Evangélicxs não responde a busca por esse domínio e o representante do movimento que aparece a frente é Luiz Fernando Botelho Cordeiro, não mais os ativistas que o fundaram.

No documento ‘Manual de cristianismo e LGBTI+’, uma realização da Rede GayLatino e da Aliança Nacional LGBTI+, outros movimentos são citados, dentre eles, movimentos de fiéis provenientes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, denominados Inclusão Luterana, com sua sede em São Paulo, e; da Igreja Metodista no Brasil, denominada Inclusão Metodista, também com sede em São Paulo. Além desses e apesar de citados, os vários movimentos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) possuem uma pastoral da diversidade na própria IEAB e por isso não serão estudados, pois apesar de ser uma igreja evangélica originalmente não inclusiva, em 2018, referendou e publicizou a ‘Palavra da Câmara Episcopala’ na 15ª Conferência de Lambeth⁶ tornando acessível a todos LGBTQIA+ o matrimônio, denominado casamento igualitário, e sua participação no laicato e ordenações, podendo servir plenamente nos diversos ministérios da Igreja. Por isso, a descrição dos movimentos LGBTQIA+ se concentrará naqueles provenientes da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, denominada Inclusão Luterana, e; da Igreja Metodista no Brasil, denominada Inclusão Metodista, para consecução das análises.

O ‘Inclusão Luterana’ se autodenomina um movimento que busca dar visibilidade à comunidade LGBT+ nas igrejas luteranas brasileiras e lutam pelo casamento e ordenação igualitários, possuindo páginas em pelo menos cinco redes sociais, dentre elas *facebook*, *instagram*, *tiktok*, *youtube*, e, um destinado a crowdfunding (vaquinha)⁷. No seu site⁸ de domínio próprio informa ter sido criado em 2014, no entanto, sua primeira postagem é de 08/5/2021 e a última de 08/8/2022, enquanto suas postagens no youtube se iniciam em 18 de julho de 2022 e se encerram em 08 de março de 2023. No *facebook* sua primeira postagem é de 07/2/2015 e a última postagem é de 28/6/2023. O *Instagram* desse movimento correlaciona o Inclusão Luterana com outras contas. No youtube se encontra, ainda, o canal ‘Luteranos pela Inclusão’, que se auto-descreve ‘se destinar e ser mais um meio de comunicação, na sua missão de dar voz e visibilidade aos LGBT+ inseridos e inseridas dentro das comunidades luteranas brasileiras’. Apesar desse canal ser mais antigo, pois está inscrito desde 13/12/2014, sua primeira postagem é de 28/7/2016 e a última de 28/7/2016, contendo apenas hinos evangélicos.

O ‘Inclusão Metodista’ possui página no *Instagram* e se autodenomina um movimento de “metodistas pela inclusão, acolhimento e afirmação dos dons e ministérios das pessoas LGBTI+ na Igreja”, possuindo apenas 17 publicações e correlações com outras contas. Possui apenas um vídeo publicado ‘Metodismo e Inclusão LGBTQIA+’ no *Youtube*, de 09/7/2021 transmitido pelo canal ‘Quero abraçar todo o mundo’.

Curiosamente se observa que, dos três movimentos LGBTQIA+ originados de igrejas não inclusivas, o Evangélicxs pela Diversidade é o único ativo e criado a partir de um encontro entre ativistas na *internet* e, ainda, publicando em suas redes sociais. Outra questão pertinente e relevante é que o predomínio de publicações dos movimentos ocorreu entre 2015 a 2023 e, massivamente, entre 2021 e 2022, período crítico pré-eleição presidencial, onde seria decidida a manutenção de um governo de extrema-direita ou a volta de um governo de coalizão de centro-esquerda, no qual o de centro-esquerda ganhou a eleição. Além disso, deve-se esclarecer que há grande volatilidade nos canais

⁶ <https://www.ieab.org.br/2022/07/31/palavra-da-camara-episcopal-reunida-na-15-conferencia-de-lambeth/>

⁷ <https://apoia.se/inclusaoluterana>

⁸ <https://inclusaoluterana.com.br>

correlacionados nas suas redes sociais, com mudanças constantes de informação. Quanto a análise das redes sociais do Inclusão Luterana e do Inclusão Metodista pode-se afirmar que não são consistentes, considerando o número, intervalo e curto período de postagens realizadas. Observando-se ainda que, em suas páginas, o Inclusão Luterana cita explicitamente a omissão de informações sobre seus representantes por ameaças feitas a eles. Não obstante, verificou-se que apesar da presença de crowdfunding (vaquinha) nas redes sociais do Inclusão Luterana e Evangélicxs pela Diversidade, não foram encontrados arrecadação ou apoiadores.

Movimentos evangélicos LGBTQIA+ de igrejas não inclusivas, no Brasil: redes de indignação e esperança

Os movimentos evangélicos LGBTQIA+, constituídos por ativistas que se uniram em colaboração e comunicação na ágora moderna das redes sociais, formando posteriormente movimentos sociais, por afinidade e reivindicações que envolvem questões culturais e sócio-políticas, revelam uma nova forma de prática política que busca gerar mensagens embutidas de opiniões que focam a informação e formação, prioritariamente, em discursos concorrentes com neoconservadores⁹ e seu padrão hegemônico patriarcal heteronormativo. Nesse processo social gerado, atores, conteúdos e subcomunidades surgem, sustentadas pela troca de informações que constitui relações, conexões e instituições, com as quais esses ativistas, sua militância e movimentos sociais interagem. Essa nova forma de fazer política dos movimentos evangélicos LGBTQIA+, no Brasil, é resistência que se mobiliza em coletividade, contra a própria dominação social, em redes sociais, de forma multimodal, comunicando e com narrativas que proferem discursos políticos baseados na persuasão, confrontando o *status quo*. Essa nova conformação reúne duas perspectivas diferentes ‘identidades coletivas e redes sociais’. Essa caracterização desenha o enquadramento interpretativo de identidade coletiva, suas dinâmicas de articulação agrupadas em redes descentralizadas, formadas temporariamente por demandas sociais, reclamando por justiça, pois estão excluídas do sistema e das decisões. Conforme esclarece Castells (2017), articulados em valores e interesses éticos que influenciam o pensamento humano.

Com a pesquisa inicial, pode se observar que há quatro condições sociais que estimularam o surgimento e crescimento desses movimentos evangélicos LGBTQIA+, no Brasil, de forma multimodal nas redes sociais. A primeira, o recrudescimento de posições ideológicas no mundo refletido em neoconservadorismo e em retrocessos, disputas e tensionamentos religiosas, tanto quanto de cunho sócio-político, nos últimos dez anos (PY, F., SHIOTA, R., & POSSMOZER, M., 2020, 386). A segunda, o período crítico pré-eleição presidencial de 2022, onde seria decidida a manutenção de um governo de extrema-direita ou a volta de um governo de coalizão de centro-esquerda, no qual o de centro-esquerda ganhou a eleição. A terceira, o *lockdown*¹⁰, isolamento social nacional, ocorrida em razão da pandemia de Covid-19 entre fevereiro de 2020 e abril de 2021, o qual restringiu os encontros presenciais e, por conseguinte, as ações, manifestações e protestos presenciais. Por quarto e último, o advento da comunicação em massa, por meio da *internet* e das redes sociais, estimulados pela própria motivação geracional de uma população que nasceu e cresceu na era digital.

⁹ Conceito utilizado por Biroli, Machado e Vaggione (2020, 40) cuja concepção abrange cinco dimensões, a saber: alianças entre atores cristãos conservadores e atores não religiosos de direita; caráter transnacional das relações dos atores e das alianças; juridificação dos conflitos políticos de caráter moral; relação com o neoliberalismo, e; processos de erosão das democracias.

¹⁰ Recomendação ad referendum do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 036, de 11 de maio de 2020 “recomenda a implementação de medidas de distanciamento social mais restritivo (*lockdown*)”. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1163-recomendac-a-o-n-036-de-11-de-maio-de-2020>. Acesso em: 29/6/2024.

Considerações finais

A pesquisa inicial, a partir da teoria de Castells sobre ‘redes de indignação e esperança’, por meio de um método hipotético-dedutivo, em uma perspectiva empírica, permitiu esclarecer os novos dispositivos e relações sócio-político-ideológicas para detectar esse novo padrão de movimento social, multimodal, dos evangélicos LGBTQIA+ do Brasil. Por esse motivo, a abordagem inicial da pesquisa quanto à identificação dos atores e redes formalmente envolvidos, investigando as demais mídias sociais desses movimentos, suas estruturas e interações, necessita aprofundamento. Isso, para que uma contextualização e compreensão de como ativistas evangélicos LGBTQIA+, de igrejas não inclusivas, se associaram em movimentos sociais e se tornaram redes de indignação e esperança. Assim, aprofundar e analisar as relações, intersecções, transculturalidades e reivindicações de direitos humanos e civis, se faz necessário, a fim de conformar o constructo interpretativo que caracterize e determine os movimentos evangélicos LGBTQIA+ brasileiros, de igrejas não inclusivas, no período de 2019 a 2022, como redes de indignação e esperança.

Curiosamente, a pesquisa inicial revelou que fiéis LGBTQIA+ continuam a professar sua fé dentro dessas denominações não inclusivas e para, além disso, o crescimento de fiéis LGBTQIA+ ao longo dos anos, nas igrejas não inclusivas, em uma hipótese que indivíduos conscientes atuam filosoficamente e sociologicamente, participando em discussões sobre as implicações religiosas nas reivindicações eclesiais dos direitos humanos LGBTQIA+ e nas reivindicações de cunho sócio-político. Outra questão que se apresentou é que, sendo a proposta da pesquisa o tema ‘movimentos evangélicos LGBTQIA+ de igrejas não inclusivas, no Brasil’, se desvelou as nuances que ocorreram com o Evangélicxs no decorrer dos anos, de um encontro de ativistas, fiéis de igrejas não inclusivas, na *internet*, até se tornar uma organização civil, interdenominacional, ecumênica e de ações interreligiosas¹¹. No entanto, sendo o maior, mais atuante e, ainda, ativo movimento social de evangélicos LGBTQIA+ no Brasil e, por isso, pela importância da análise da trajetória institucional histórico-sociológica que provoca, sua forma de atuação e militância, foi considerada a opção e, mantida, de dar continuidade ao Evangélicxs na pesquisa, enquanto movimento social.

Por fim, há uma questão não identificada na pesquisa inicial, a resposta a desmobilização ocorrida, de forma abrupta e crítica que sofreram esses movimentos evangélicos LGBTQIA+ a partir de 2023, ao menos no *Youtube*, e, em alguns casos, não somente, mas também no *Instagram*, conforme no caso do Inclusão Metodista. É verdade, porém, que Castells (2017) explica que esses grupos em novas formas de movimentos sociais, quando atendidas suas reivindicações se desmobilizam. Ocorre que, nesse caso, as reivindicações desses grupos continuam parcialmente não atendidas. A única e, exclusiva, explicação que a mudança de um governo de extrema-direita para um governo de coalizão de centro-esquerda, no país, nesse período, é simplória demais para explicar o que ocorreu. Uma hipótese que se apresenta é a proposta por Nancy Fraser (2020) do capitalismo financeirizado. Outra hipótese mais crucial é a perseguição que evidencia a violência e hostilidade que membros desses movimentos evangélicos LGBTQIA+ sofrem provenientes de neoconservadores políticos-religiosos e de ações individuais de LGBTQIA+fobia, assim conforme exposto pelo Inclusão Luterana, em seu site.

¹¹ Editorial [on line] de 05/7/2019 as 11h20m da Editora Cidade Nova “Enquanto o ecumenismo diz respeito ao diálogo entre igreja cristãs, o diálogo inter-religioso busca uma relação de diálogo e respeito entre religiões e grupos religiosos.”

Referências

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

FRASER, N. Entrevista: Nádya Junqueira. Tradução Nathalie Bressiani, em 26 de março de 2020. *Capitalismo em debate: Nancy Fraser: “O neoliberalismo não se legitima mais”*. Le Monde ‘diplomatique Brasil’. Acervo Online. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/nancy-fraser-o-neoliberalismo-nao-se-legitima-mais/>. Acesso em: 29/6/2024.

PY, F., Shiota, R., & Possmozer, M. (2020). EVANGÉLICOS E GOVERNO BOLSONARO: aliança nos tempos de COVID-19. *Confluências | Revista Interdisciplinar De Sociologia E Direito*, 22(2), 384-406. <https://doi.org/10.22409/conflu.v22i2.43024>

Fonte

REDE GAYLATINO E ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. *Manual de cristianismo e LGBTI+* [livro eletrônico] / organização Simón Casal, Toni Reis. Enciclopédia LGBTI+. Curitiba, PR: IBDSEX, 2021.